

Todos os setores da vida intelectual são destacados e reconsiderados em perspectivas que se pretendem autônomas: da pedagogia às artes e à política, da economia e da ética à filosofia, à estética, à ciência. Sem dúvida, este conjunto orgânico de esforços e realizações faz de Florença um centro único no século XV.

O dinamismo deste processo recbeu do dispositivo econômico e social as energias e estímulos que lhe eram indispensáveis, devendo-se então considerá-los como um todo, onde as criações, e os limites, os avanços e paradas, compõem os aspectos dialéticos de uma pujante civilização.

Uma bibliografia comentada constitui o remate final do trabalho que se apresenta como valioso subsídio para a História desse período.

SUELY ROBLES REIS DE QUEIROZ

* *
*

ZENHA (Edmundo). — *Mamelucos*. São Paulo. 276 páginas.

Ao Sr. Edmundo Zenha deve a historiografia brasileira o melhor estudo, que até agora se fez, da instituição municipal no Brasil. Publicado em 1948 pelo antigo Instituto Progresso Editorial (Ipê), lamentavelmente nunca foi reeditado. Dêle podemos dizer o que há pouco dissemos de um livro do Sr. Nelson Werneck Sodré, também nunca reeditado: citado pelos professôres, procurado incessantemente pelos estudantes, reclamado por todos, cotado altamente pelos alfarrabistas quando, vez ou outra, aparece algum exemplar pelos “sebos”, constitui *O município no Brasil* um dos grandes e muitos “exgotados” da nossa bibliografia histórica. Aliás, já se observou que, no estudo da história do Brasil, quase só se trabalha com bibliografia exgotada. De meia dúzia de livros que se indique sobre qualquer assunto, dificilmente o estudante encontrará algum. As faculdades mais antigas geralmente ainda os possuem em suas bibliotecas. Mas as que estão sendo organizadas agora, poucas possibilidades têm de organizar uma boa biblioteca de história do Brasil. Foi o que há pouco nos confessava o professor encarregado de história do Brasil num dos institutos universitários recém-fundados, em importante cidade do interior de São Paulo: tinha verbas, mas não encontrava os livros básicos de que necessitava para a biblioteca que pretendia organizar em sua faculdade.

Está neste rol dos inincontráveis, ao lado de tantos outros, *O município no Brasil*. Quando a empresa que o editou encerrou suas atividades, seus livros foram “torrados” nas portas improvisadas em livrarias e até nas calçadas da cidade de São Paulo. Entre êles, o belo ensaio do Sr. Edmundo Zenha ... Os felizardos que puderam adquirí-lo, guardam-no hoje como verdadeira preciosidade, que de fato o é.

Bastante tempo permaneceu o Sr. Edmundo Zenha ausente da área histórica. Publicou, é verdade, um ensaio sobre a colônia alemã de Santo Amaro e outro sobre Santo Amaro no tempo de Paulo Eiró, ambos dados à estampa na *Revista do Arquivo Municipal*, mas isto mesmo já vai para mais de vinte anos. Absorvido pelo seu escritório de advogado, as atividades jurídicas não lhe deixavam tempo para as pesquisas históricas. Pelo menos, era o que parecia. Pensávamos até que, nos seus amores, Themis houvesse de vez expulsado Clio. Eis que, voltando a Clio, brinda-nos com um novo ensaio, desta vez particularmente sobre a história de São Paulo. Excelente trabalho de pesquisa haurida na mesma documentação que serviu a Alcântara Machado para a sua obra prima, sobre a qual, ainda há pouco, transcrevemos a apreciação que dela fez Maria Lúcia de Souza Rangel, o novo livro do Sr. Edmundo Zenha procura salientar dois pontos no processo bandeirante: a predominância do ofício escravista e o papel preponderante do índio na sociedade do planalto.

Não é exato, como afirma, logo na frase inicial, que a matéria de seu livro já houvesse sido tratada por outros autores, “entre os quais é obrigatório mencionar a Alcântara Machado”. Certo que ninguém deixaria de citar *Vida e morte do bandeirante*. É peça-chave na bibliografia da história de São Paulo. Mas os objetivos do dois livros — e de outros que procuraram reconstituir a sociedade planaltina —, Alfredo Ellis Júnior, Belmonte, Otoniel Mota, entre outros — foram diferentes. Não pretendeu o Sr. Edmundo Zenha simplesmente, e mais uma vez, reconstituir a sociedade paulista dos tempos coloniais. Para isto, realmente, o livro de Alcântara Machado é inexcedível, como os de Belmonte e Otoniel Mota são complementares. O que o Sr. Edmundo Zenha nos oferece em seu livro, sem desprezar, é óbvio, a importância da sociedade planaltina, é uma verdadeira história econômica do bandeirismo, numa linha próxima, isto sim, dos trabalhos de Alfredo Ellis Júnior, mas abordando assuntos mais amplos e em nada conflitando, antes completando, o quadro inicialmente esboçado pelo grande mestre da história paulista que é o autor de *Raça de gigantes*. O livro do Sr. Edmundo Zenha dá ênfase especial ao século XVII, “afinal o mais importante do bandeirismo”. Ainda aqui há identidade com o pensamento de Ellis Júnior. Quando este autor publicou, há quase trinta anos seu *Resumo da História de São Paulo* (que é praticamente quase todo sobre o século XVII), perguntei-lhe por que não escrevia também sobre o século XVIII. Respondeu-me êle, talvez com o exagero de um apaixonado do seiscentismo, que o século XVIII não interessava. Não era um século “paulista”. O grande século “paulista”, para êle, como historiador do bandeirismo, era o século XVII. Posteriormente, tornou-se menos radical e acabou escrevendo boas coisas sobre o setecentismo, especialmente em *O ouro e a Paulistânia*.

Mas, tal como o Sr. Edmundo Zenha, sua afeição histórica continuou sempre voltada para o XVII, o século de “significado especial”, segundo pertinentemente lembra o Sr. Edmundo Zenha, para completar: “É da inquietação de São São Paulo, durante aquela centúria, que surgem as nossas fronteiras do sul e do

oeste, rematando-se a façanha com o sobressalto fantástico das minas, cujo ouro terá influência na história universal, associado a um nôvo ciclo econômico, que provoca ou acelera”.

Da rica documentação publicada pelo Departamento do Arquivo do Estado, tomou o autor a maioria dos textos que ilustram as teses propostas em seu livro. Reconhece que são numerosos e podem até ser acoimados de excessivos, os textos aproveitados. Mas, justificando, o Sr. Edmundo Zenha considera o leitor de história um “leitor qualificado e que o gôsto pelos documentos é um dos componentes dessa qualificação.”

E, por outro lado, êle está certo de que “grande parte das transcrições representa o melhor dos *Inventários e Testamentos*, sendo algumas delas verdadeiras joias como expressão e como documento”.

Se, no ensaio sôbre o município, o Sr. Edmundo Zenha deu azas ao seu saber jurídico, pois o assunto não só comportava, como exigia, agora, em *Mamelucos*, expressivo título de seu nôvo livro (276 págs., sem indicação de editor), mostra-se igualmente à vontade no campo da história econômica e social. Prova de que o Direito não é incompatível com o interêsse pela pesquisa histórica. Themis e Clio podem se dar muito bem. O Sr. Edmundo Zenha vem aumentar a lista dos grandes cultores do Direito que também foram excelentes historiadores. É verdade que a maior parte dêles, por uma questão de afinidade natural, tem preferido as áreas da história jurídica, política ou parlamentar, mais próximas dos estudos do Direito e das leis. Mas *Mamelucos* vem mostrar, como, aliás, *Vida e morte do bandeirante* já mostrara em relação ao mestre Alcântara, que as demais áreas da história também podem ser-lhes familiares.

Cumprimentando o Sr. Edmundo Zenha pela sua volta à História, permitimo-nos uma pergunta: Por que não editar *O município no Brasil*? Ao fazer esta indagação, estamos certos de traduzir o desêjo unânime de todos os que trabalham com a história de nosso país.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

VERGER (Pierre), — *Flux et reflux de la traite des nègres entre le golfe de Bénin et Bahia de todos os santos du dix-septième au dix-neuvième siècle*. École Pratique des Hautes Études. Sorbonne, Mouton & Co. Paris, 1968. 720 pp. 52 fotos.

Pierre Verger, Pesquisador do I.F.A.N. (Institut Fondamental d’Afrique Noire), há anos que vem publicando interessantes obras a respeito das relações que existiram entre a Costa Africana e a Bahia-de-Todos-os-Santos. Podemos dis-